

Quereres''

Marcus André Vieira



Resumo

Texto sobre a carta de Freud em que ele responde a uma mãe angustiada em relação à homossexualidade de seu filho.

Para citar esse texto use a seguinte referência

Vieira, M. A. "Quereres". *Caro Dr. Freud*, respostas do século XXI a uma carta sobre a homossexualidade, Iannini, G. (org), Belo Horizonte, Autêntica, 2019 (ISBN 978-85-513-0609-3).

[Capa e índice](#)

I

Consta que Freud encerrava o dia de trabalho no consultório, jantava com a família e invariavelmente sentava-se à sua escrivaninha para escrever. Essa dedicação apaixonada à escrita exercida ao longo de décadas produziu não apenas os textos de tirar o fôlego que conhecemos, mas também uma correspondência impressionante. Algumas cartas, sem resposta, talvez tenham apenas sido garrafas lançadas ao mar, como a que redigiu para a mãe que temia pelo futuro de seu filho homossexual.

Imagino Freud um dia, pena à mão em sua grande escrivaninha de jacarandá respondendo a essa mãe do outro lado do oceano, tomada por angústias e preconceitos. Certamente não era jacarandá a madeira, mas sem ele minha cena fantasiada perderia toda a graça, afinal, como apreender de modo vivo o que quer que seja sem passar por nossas memórias e detalhes singulares? O jacarandá em minha constelação subjetiva dá um ar austero à cena, sustentando a seriedade do momento. Em minha fantasia vislumbro ainda mal humor em seu olhar, pois a desconfiança de Freud com relação aos Estados Unidos era notória, chegando a chamá-los, certa vez, de terra de mercadores.

A carta, no entanto, desmente minha cena de alto a baixo, pois não poderia ser mais delicada e luminosa. Freud, com todo tato, responde ao que essa mãe nem tinha conseguido dizer explicitamente com relação à homossexualidade de seu filho, convidando-a a deixar de lado

♦ Redigido a partir do convite originalíssimo de Gilson Iannini, a quem devo esse texto, a elaborar a resposta a uma carta de Freud, nunca recebida por ele (<https://oglobo.globo.com/sociedade/carta-em-que-freud-trata-sobre-reversao-da-homossexualidade-compartilhada-nas-redes-sociais-21845301>). Parte desse texto foi apresentada na abertura do XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano (<http://encontrobrasileiro2018.com.br>).

seus preconceitos para tomar o filho como tal, não apenas naquilo que ele seria projeção de seus próprios ideais normativos.

O problema de minha fantasia, interpreto-a então, é fundar-se na ideia de que um pai de família vitoriana como Freud deveria responder segundo os valores e ideias preconcebidas que conformam sua identidade social. Ora, não há nenhuma razão para alguém tenha que ser austero como sua mesa ou que responder sempre a partir de valores, digamos, heterossexuais.

Nada mais equivocado, especialmente no que diz respeito à psicanálise: exatamente um espaço onde o que conta não é a identidade oficial.

Nossos modos de ser e fazer são efeito do que nos marcou na vida desde os cuidados mais inaugurais, o colo, a mamada, as vozes, os cheiros. Essa verdadeira chuva de desejos que incide sobre nós vai nos definindo até que, em algum momento, não possamos ser outra coisa a não ser mais o menos o que a vida nos fez ser. É o que alguns chamam alma, outros subjetividade, outros identidade, Freud apenas *eu*. Uma análise contrapõe à regularidade e unidade do eu a profusão de memórias daqueles momentos em que fomos tocados pela vida ou por alguém de forma marcante, mas inassimilável. O eu (ou *ego*, como ficou conhecido entre nós como resultado da tradução enviesada de J. Strachey) é o resultado de algumas dessas experiências e desejos que se organizaram como um modo único e orquestrado de ser, já o inconsciente é o resto da chuva de desejos que continua a cair à volta de seu guarda-chuva.

O essencial é notar o quanto essa multiplicidade libidinal inconsciente é sexual sem no entanto se confundir com a sexualidade, sempre referida a um eu que busca seu prazer. Pode ser que a sexualidade como um conjunto de práticas mais ou menos codificadas socialmente seja, de tudo o que fazemos no cotidiano, o campo em que o eu tem menos domínio, onde menos sabe o que é ou exatamente o que quer. O *sexual*, para Freud, porém, inclui para além dessa sexualidade, que se configura como identidade e orientação sexual, o inconsciente como lugar da inscrição de desejos múltiplos, polimorfos, variantes, estranhos ao eu e sem gênero definido.

Em tempos de fantasmagoria da cura gay, de gente que prefere acreditar em demônios e mamadeiras em forma de pênis que seriam distribuídas às crianças extraio, assim, de minha experiência como analisando e de todo dia como analista a certeza de que uma análise segue sendo um dos espaços em que os preconceitos necessários a qualquer identidade são postos em suspensão e revistos.

II

O múltiplo precisa, porém, dar lugar a alguma estabilidade. Não podemos ser metamorfoses ambulantes todo o tempo. Nesse sentido, a modéstia dessa carta é exemplar. Alguma coisa poderá mudar, mas o eu será apenas reconfigurado, jamais desmantelado. Assim entendo porque Freud afirma que o filho homossexual viverá com o que é e não com o que deveria ser.

Para mim, analista, o valor maior da carta é este, o modo como Freud define o que se pode esperar de uma análise em uma proposta a um só tempo ambiciosa e modesta.

Modesta, por não supor ou propor que possamos nos reinventar completamente. Ambiciosa, por mesmo assim falar em felicidade. Será a felicidade, porém, de uma satisfação paradoxal, não a da beatitude, do prazer eterno, no céu, nem a da coleção maior possível de momentos

de prazer, como prega o hedonismo de hoje. Freud apenas propõe a essa mãe esperar da análise de seu filho que ele seja o mais conforme ao que é em seu alfabeto próprio do prazer.

Com *alfabeto* quero situar como entendo, a partir da leitura lacaniana de Freud, o que cada um leva consigo em termos de possibilidades de satisfação para distingui-lo da ideia de uma identidade ou orientação sexual estanques, tão presentes no debate da cultura sobre gênero. Se a constância dos desejos em que cada um se reconhece, em sua história de vida e seus valores identitários, puder ser considerada como um texto de base, o importante em uma análise é que possamos nos apropriar de seu alfabeto mais que de seu sentido último ou mais verdadeiro. É o que poderá deixar nosso texto final em aberto, a ser definido com relação a seus, digamos, leitores, nos encontros por vir.

Nossa programação genética, cultural, como queiram, define possíveis e impossíveis para o prazer, o que não significa, no entanto, que nela esteja igualmente definida, uma identidade de gênero estanque. É esse exatamente o ponto em torno do qual gira o preconceito contra o falocentrismo freudiano feito de puro mal-entendido. Freud descreveu o modo como o sexual se organizava em sua época, destacando o falo como base da constituição das identidades padrão em sua cultura. Seu movimento era o de indicar exatamente como uma análise agia a partir do fracasso dessa identificação, virava-a do avesso. Entendeu-se o contrário, que ele visava a apologia e restauração da identidade fálica. Vale a pena tentar retomar.

O que é o *falo*? Para começar, uma imagem de potência. Toma-se uma parte do corpo que de vez em quando se enrijece e dá prazer e fixa-se esse órgão em sua ereção. O pênis, extraído da natureza do corpo, passa a ser colocado, dessa forma, em totens, vasos etc. Torna-se o falo. A vida que sacudia esse órgão ocasionalmente agora está eternizada e totalizada. É o falo do corpo dos deuses, eternamente ereto. Portanto, que fique claro: o falo não é o pênis, nunca foi, ele é apenas o pênis “bem na foto”.

Freud destacou ainda que a ideia de um falo ereto em permanência tem efeito paradoxal sobre os que nele creem. Como os órgãos na realidade quotidiana nunca estão o tempo todo nesse estado serão marcados por uma falta que Freud chamou castração e Lacan formalizou como uma lei geral de negatividade. A castração nada tem a ver com mutilação, mas com o fato de que nunca se é infalível como, por exemplo, nos filmes pornô.

A crença no falo distribui ainda essa negatividade de maneira binária. Uns acreditarão tê-lo no corpo, ao alcance da mão, serão os ditos masculinos. Não é tão bom quanto parece. Estes, mais que ninguém, sentirão que o deles não é isso tudo, que à diferença do falo imaginário dos deuses, o deles costuma estar flácido e apenas de vez em quando ereto e por isso serão para sempre assombrados com o medo do fracasso. Outros serão levados a crer que não o têm, que aquela coisinha que fazia sua felicidade masturbatória infantil era um engano, que precisariam, para gozar, passar por outro corpo. Esse outro modo de negatificação fálica em seus corpos, mais explícito, levará, porém, a um gozo bem menos limitado quando encontrado. Sem medo de perder o que já não têm, esses seres serão mais intensamente “tudo ou nada”. Serão ditas e feitas mulheres.

Nada na teoria freudiana exige que apenas os que tem pênis possam ser machos. Basta ter a certeza de que se tem o gozo ao alcance da mão, graças a um complexo jogo de identificações e interdições que Freud chamou de complexo (de castração e de Édipo) para sentir e agir seu corpo ao modo masculino. O mesmo vale para os seres que se identificarão como femininos, mesmo tendo pênis, pois a orientação sexual não se define com relação ao órgão, mas à premissa fálica.

Uma sociedade se estabiliza solidamente dessa forma fazendo do binarismo fálico, como diz Lacan, um modelo adaptativo para o desenvolvimento da espécie. É porque essa distribuição binária funciona como a piada da aeromoça que propõe ao passageiro jantar. Ele pergunta “quais minhas opções?” e ela responde “Sim ou não”. Parece pobre, e é, mas por isso mesmo estável.

O problema é tomar essas duas identidades de base como sendo naturais e universais, como se só pudesse haver outras possibilidades de satisfação fora do binarismo edípico a não ser em termos de patologia ou desvio. É esse o centro da *equação falocêntrica*, o da superposição pênis e falo em uma só e mesma entidade, garantida pela evocação de uma divina natureza, biologia ou bíblia. Seria da natureza do homem ter acesso direto ao poder e ao gozar e da mulher um acesso indireto e seria da natureza das coisas que só houvesse esses dois tipos de formas de vida sexuada, a masculina e a feminina.

III

Nos últimos tempos o falocentrismo foi seriamente abalado. A evidente ressurgência de discursos radicais visando um poder fálico em todo mundo parece desmentir esse abalo. Ela não poderia atestar, como propõe o psicanalista E. Laurent, exatamente uma reação a ele? Nesse sentido, ela ratifica que houve abalo e justificaria amplamente o termo *reacionário*, no caso do Brasil, como exigência embrutecida de restauração da ordem fálica, hoje no poder. Porque a ordem patriarcal foi tão abalada? Muitas e muitas causas poderiam ser evocadas, que tal essas duas? Por um lado, a reprodução assistida esvazia a necessidade da cultura de sacralizar a diferença macho e fêmea, o que leva a um abalo na função da família como sede da diferença binária entre sexos. Por outro, o *Google*, como paradigma de um novo modo de relação com o saber, infinitamente ali e infinitamente disponível, esvazia a necessidade da diferença de gerações para que o saber da experiência acumulado por uma geração possa ser transmitido à outra. Por essas razões ou por outras o fato é que “pai e mãe” e “homem e mulher” deixam de ser vitais para a sobrevivência da espécie. Não foi culpa do PT.

Começam a explodir gêneros, composições novas. Em vez de “sim” ou “não”, distribuindo a falta de dois modos complementares, surgem explorações, variações, combinações. Em lugar de um poder central excluindo os ininteligíveis para as margens e legislando sobre a vida, uma galáxia de particularidades de baixa coesão, instáveis, tensionadas, ganham cada vez mais expressão no tecido sexual e social. Essa descrição, se transposta para um plano mais geral, talvez pudesse simplesmente ser chamada de *democracia radical*, como propuseram Laclau e Mouffe. Nesse caso, as identidades e suas novas composições precisarão contar com contratos e acordos para coexistirem e para definirem consensos ou hegemônias, pois fundam uniões mais instáveis que estáveis.

Uma análise que não tome a descrição freudiana da sexuação fálica como ideal floresce bem neste meio, já que ela é uma espécie de laboratório de democracia no plano individual.¹ Tensões, conflitos, pactuações, não é o que ocorre entre as pulsões do inconsciente e o eu no âmbito do aparato psíquico? Nessa clínica saíram, do saco sem fundo do inconsciente, lembranças inesperadas, fragmentos de sensações e sentimentos que se compõem ao modo da bricolagem, ou na expressão de Lacan, de uma colagem surrealista forjando uma coesão artesanal em lugar do enlace “de fábrica” patriarcal.

Resta querer que nossos filhos possam andar à rua, que seus desejos possam se juntar com outros, que o desejo de Freud nos leve além da massa de paranoia para um tempo em que o

ego aceite a contingencia do desejo em vez de querer fixá-la. Precisamos contar com os *quereres* que cruzam a cidade. Eles seguem em desassossego, promovem ocupações, movimentos *slow*, saraus, intervenções, gozos *trans*, se encantam com os ininteligíveis, ignoram os *likes*, vibram com a comunidade da comunidade sem exército, dão artes de sobrevida a nossos jovens negros em tempos de genocídio. Por que não teria a psicanálise lugar nestes espaços?

Referências Bibliográficas

Freud, S.

(1924) “A dissolução do complexo de Édipo”, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 222.

(1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, *ESB*, vol. VII, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 146.

(1925) “O mal-estar na civilização”, *ESB*, vol. XXI, p. 149.

(1930) “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, *ESB*, vol. XIX, vol. p. 320.

Lacan, J. Lacan, J. *O Seminário, Livro 20, Mais ainda*, Rio de Janeiro, JZE, 1985.

Laclau, E.; Mouffe, C. *Hegemonia e estratégia socialista : por uma política democrática radical*, São Paulo, Intermeios, 2015.

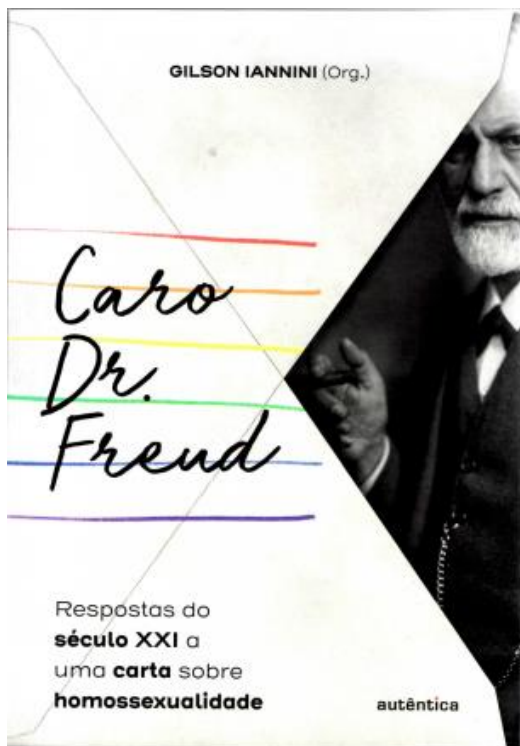
Laurent, E. *Entrevista à Fernanda Otoni* (sobre o abalo do falocentrismo e a palavra das mulheres), disponível em <http://encontrobrasileiro2018.com.br/eric-laurent/>

Miller, J. A. “Una repartición sexual”, *El partenaire-síntoma*, Buenos Aires, Paidós, 2008, pp. 303-310.

Moi, T. *What Is a Woman? And Other Essays*, Oxford, Oxford University Press, pp. 375 et passim.

Vieira, M. A. “A anatomia e seus destinos”, *Aleph – Revista de psicanálise DG Paraná – EBP*, v. 5, Curitiba, 2017, pp. 10-19. Disponível em <http://encontrobrasileiro2018.com.br/a-anatomia-e-seus-destinos%C2%A8/>

¹ Agradeço a Sidi Askofaré pela precisa formulação em discussão no XIII Simpósio de Psicanálise do Depto de Psicanálise da UERJ : *A Psicanálise e os Paradoxos da Política da Diferença* (<https://www.cepuerj.uerj.br/cursos2.php?tipo=eventos&curso=S04999&ano=2018>)



Copyright © 2019 Gilson Iannini
Copyright © 2019 Autêntica Editora

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORES ASSOCIADOS

Agiane Ôlas
Cecília Martins

REVISÃO

Bruna Emanuelli Fernandes
Lúcia Assumpção
Samira Vilela

CRUZ E PROJETO GRÁFICO

Diogo Dreschi
(sobre imagem de Max Hüllnerstedt)

ORGANIZAÇÃO

Letícia Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caro Dr. Freud : respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade / Gilson Iannini (Org.) ; com a participação de Rogério Bettini. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

Vários autores.
ISBN 978-85-513-0609-3

1. Cartas brasileiras - Coleções 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 - Psicologia 3. Homossexualidade 4. Psicanálise e homossexualidade I. Iannini, Gilson. II. Bettini, Rogério.

19-26720

CDD-150.1952

Índices para catálogo sistemático:

1. Freud : Carta sobre homossexualidade : Respostas do século XXI : Cartas fictícias : Psicanálise : Psicologia 150.1952

Maria Paula C. Rizzo - Bibliotecária - CRB 8/7039

GRUPO AUTÊNTICA

Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420
Silveira - 31140-520
Belo Horizonte - MG
Tel.: (55 31) 3465-4500

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Hora 1
23º andar - Conj. 2310-2312, Cerqueira César
01311-940 São Paulo - SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br